

## **Entrevista com Maria Aparecida de Moraes Silva**

### **Fabio Kazuo Ocada**

Doutor em Sociologia pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Araraquara (2006)

Professora da Faculdade Bandeirantes – FABAN

End. Profissional: Rua Saldanha Marinho, 915 – Centro – Ribeirão Preto – SP – Brazil –

Endereço eletrônico: fabiokazuocada@hotmail.com

### **Beatriz Medeiros de Melo**

Mestre em Geografia pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista de Presidente Prudente “Júlio de Mesquita Filho”, campus de

Presidente Prudente (2008)

Professora do Centro de Ensino Superior de Tupi Paulista – CESTUPI

End. Profissional: R. Arcebispo Lemieux, 250 - Centro – Tupi Paulista – SP – Brasil

Endereço eletrônico: beatrizmmelo@yahoo.com

### **Resumo**

Maria Aparecida Moraes Silva tem o título de mestrado e doutorado em Sociologie Du Développement pelo IEDES (Institut d'Études du Développement Économique et Social) pela Université Paris 1 (Panthéon-Sorbonne), pós-doutorado e livre-docência pela Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, campus de Araraquara. Tem se dedicado à discussão dos problemas relacionados á expropriação camponesa, exploração do trabalho, sob a ótica de gênero/classe/raça/etnia na agricultura. Em 2005 recebeu o Prêmio Érico Vanucci, do CNPQ, pelo teor de suas pesquisas desenvolvidas, desde a década de 1980, acerca do trabalho nos canaviais paulistas. Nessa entrevista procuramos preservar o “tom” de linguagem oral de nossa conversa. Será por meio desta linguagem que o leitor verificará a franqueza e a transparência com que Maria Aparecida nos dirige suas palavras. Ela nos fala da força do acaso no despontar de sua trajetória profissional, de como os estudos rurais passam a ganhar lugar nas Ciências Sociais, da questão da intensificação da exploração do trabalho nos canaviais e dos diversos problemas sociais e ambientais acarretados pela produção do etanol... Por fim, fala das Ciências Sociais como um ofício, da produtividade científica, de importantes polêmicas ao redor da discussão do método e explica a origem do veio literário encontrado em muitos de seus textos. Uma entrevista que é um grande ensinamento.

**Palavras-chave:** Maria Aparecida Moraes Silva; sociologia; trajetória profissional; estudos rurais; trabalho nos canaviais.

### **Resumen**

## **Entrevista con Maria Aparecida de Moraes Silva**

Maria Aparecida Moraes Silva tiene el título de maestría y doctorado en Sociologie Du Développement de IEDES (Institut d'Études du Développement Economique et Social) de la Universidad de París 1 (Panthéon-Sorbonne), post-doctoral y de libre enseñanza de la Facultad de Ciencia y Letras de la UNESP, campus de Araraquara. Se ha dedicado a la discusión de los problemas relacionados con la expropiación de campesinos, la explotación laboral, desde la perspectiva de género / clase / raza / etnia en la agricultura. En 2005 recibió el Premio Érico Vanucci, CNPQ, el contenido de sus actividades de investigación, desde la década de 1980, sobre la labor de caña de azúcar en Sao Paulo. En entrevista

Revista NERA	Presidente Prudente	Ano 11, nº. 12	pp. 117-136	Jan.-jun./2008
--------------	---------------------	----------------	-------------	----------------

preservar el "tono" de la lengua oral de nuestra conversación. Será a través de este lenguaje que el lector comprobar la franqueza y la transparencia con la que Maria Aparecida se ejecuta en sus palabras. Ella habla de la fortaleza de la oportunidad de su propia trayectoria profesional, como los estudios rurales están ganando lugar en Ciencias Sociales, la cuestión de la intensificación de la explotación del trabajo en caña de azúcar y los diversos problemas sociales y ambientales causados por la producción de etanol. .. Por último, habla de las Ciencias Sociales como una taller, de la productividad científica, de gran controversia en torno a la discusión del método y explica el origen de lo rastro literario encontrado en muchos de sus textos. Una entrevista que es una gran lección.

**Palabras claves:** Maria Aparecida Moraes Silva; sociología; trayectoria profesional; estudios rurales; trabajo en los cañaverales.

### Abstract

#### Interview with Maria Aparecida de Moraes Silva

Maria Aparecida Moraes Silva has the title of master's and doctorate in Sociologie Du Développement by IEDES (Institut d'Études du Développement Economique et Social) by the Université Paris 1 (Panthéon-Sorbonne), post-doctoral and free-teaching by the Faculty of Science and Lyrics of UNESP, campus of Araraquara. It has been devoted to discussion of problems related to expropriation peasant, labour exploitation, from the perspective of gender / class / race / ethnicity in agriculture. In 2005 he received the Award Érico Vanucci, CNPQ, the content of their research activities, since the decade of 1980, about the work in sugarcane Sao Paulo. In that interview trying to preserve the "tone" of oral language of our conversation. It will be through this language that the reader check the frankness and transparency with which Maria Aparecida runs in his words. She speaks to the strength of the chance of their own professional trajectory, as the studies are gaining rural place in Social Sciences, the question of intensification of exploitation of labour in sugarcane and the various social and environmental problems carefully for the production of ethanol. .. Finally, speaking of Social Sciences as a trade, to scientific productivity of major controversy around the discussion of the method and explains the origin of the literature has found in many of its texts. An interview that is a great lesson.

**Keywords:** Maria Aparecida Moraes Silva; sociology; professional trajectory; rural studies; work in sugarcane crops.

#### Trajetória Familiar e Profissional.

*FÁBIO: Em primeiro lugar gostaríamos que você falasse um pouco sobre a sua trajetória pessoal e familiar.*

*MARIA APARECIDA:* Primeiramente eu gostaria de agradecer a vocês pelo interesse nessa história toda e também à própria Revista NERA da UNESP de Presidente Prudente por essa oportunidade. Começar mesmo do começo? [riso] Bom, vocês sabem que a minha origem é rural. Eu nasci no campo e, evidentemente, isso teve uma marca muito forte na minha trajetória porque todo o meu início de vida, da minha trajetória de vida, foi um início marcado por um modo de vida sitiante, caipira... enfim, do camponês paulista, aquela figura bastante estudada por estudiosos brasileiros como Maria Isaura Pereira de Queiroz, Antonio Cândido e também outros autores. Falo de um modo de vida que não somente marca o início de uma trajetória como também o seu próprio desenrolar. E eu senti uma grande transformação na minha trajetória a partir do momento em que fui estudar na cidade, quando fui fazer o curso primário. Porque lá chegando tive a consciência de que eu não pertencia àquele mundo, que

o mundo urbano era outro. Inclusive o próprio dialeto que eu falava era um dialeto que – hoje eu sei, mas naquela época eu não sabia – era o *nheengatu*<sup>1</sup>, um dialeto próprio das populações caipiras de São Paulo e também do interior de outros Estados do Brasil. Então... uma grande transformação aconteceu quando eu fui obrigada a deixar de falar como falava, esse foi um processo bastante difícil que considero como uma violência muito grande, uma violência simbólica muito grande, porque... ela implicou, exatamente, na mudança dos meus próprios códigos lingüísticos. Por outro lado eu comecei a perceber que tudo aquilo que eu trazia do mundo rural era algo que não era aceito pelo mundo urbano. Hoje eu consigo redefinir essa trajetória a partir desse olhar. É claro que naquele momento, enquanto criança, eu não tinha essa consciência, mas hoje eu tenho perfeita consciência disso. Bom, a forma de sobreviver foi ser primeira aluna, essa foi a forma encontrada. Porque, além da violência simbólica havia a violência física naquela época, os professores eram extremamente violentos com os alunos, e se você chegasse em casa e reclamasse, apanhava também dos pais. Então era assim, você não tinha escolha. E eu fui percebendo que a única maneira de sobreviver era estudar muito, e estudar além daqueles que estavam ali. E foi assim que eu me transformei na “[Prof<sup>a</sup>.] Moraes”, ou seja, foi sendo a primeira aluna, procurando estar “para além” do contexto da classe. Então essa foi uma marca muito pesada, de dedicação, de disciplina... E eu tive que encontrar esse caminho sozinha. Porque... meu pai tinha apenas dois anos de escolaridade e minha mãe era analfabeta. Então eles não podiam, evidentemente, me ajudar. Quer dizer, eu fazia parte de um mundo não letrado, um mundo que eu diria ágrafo. Então a forma de sobrevivência, como vocês podem perceber, foi bastante difícil, porque foi uma trajetória que precisou assim... um auto-controle muito grande, uma auto-disciplina... E, além do mais, havia uma forte pressão dos meus pais pelo fato de eu ser a mais velha, eu tinha que ser exemplo para os meus irmãos. Meu pai queria que todo mundo estudasse, então eu não podia falhar, eu teria que ser exemplo para os outros. Então isso também foi uma marca muito forte.

*BEATRIZ: Então você é a mais velha?*

*MARIA APARECIDA:* Eu tenho um irmão mais velho. Mas esse irmão mais velho optou por não estudar, e meu pai aceitou. Hoje eu entendo que ele aceitou porque precisava dele como força de trabalho no sítio, entendeu?

*FÁBIO: E quais as razões que a levaram ao caminho das Ciências Sociais num momento em que as restrições impostas pelo regime militar influenciavam diretamente na vida universitária?*

*MARIA APARECIDA:* Eu fiz, depois do ginásio, o curso Clássico, porque tinha uma predileção muito grande por Letras, eu gostava muito de línguas. Eu lia muito, lia todos os livros de Literatura que naquele momento eram exigidos, tinha assim um apreço muito grande, como

---

<sup>1</sup> A este respeito, seguem as belas referências do professor José de Souza Martins. “A própria musicalidade caipira nasceu na cultura erudita da missão jesuítica, com gente como o poeta e lingüista José de Anchieta escrevendo poesia e teatro em língua *nheengatu*, que foi a língua brasileira até o século 18, quando proibida pelo rei de Portugal. Os *nheengatu*-falantes, que iam da elite aos índios administrados, ao terem que falar português fizeram-no com sotaque *nheengatu*, devido às dificuldades de pronúncia de certos sons da língua portuguesa. Nasceu, assim, o dialeto caipira, com o *mecê*, do *vossa mercê*, a *cuié*, de *colher*, a *muié*, de *mulher*, a *orêia*, de *orelha*. A música das celebrações religiosas que acompanharam a literatura *anchietana*, como o *cururu*, a dança de Santa Cruz, o *cateretê*, danças religiosas, são a matriz do que, banido do mundo da erudição, encontrou refúgio na alma popular e aí se manteve como resquício arqueológico da invenção do Brasil, herança de que as classes subalternas se apropriaram para por meio dela construir sua identidade e sua concepção de esperança”. Esta passagem foi extraída do convite, enviado por correio eletrônico a Maria Aparecida, pelo professor José de Souza Martins, no dia 29 de fevereiro de 2008, por ocasião do lançamento da segunda edição de seu livro, *A sociabilidade do homem simples*, ocorrido em São Paulo.

tenho até hoje, pela literatura. Naquela época havia o Clássico, o Científico e o Normal. O Normal eu não queria fazer porque não queria ser professora primária, e também não era esse o projeto dos meus pais, eles queriam que eu fosse professora de ginásio, não primária. Então eu fui fazer o [ensino] Clássico. Quando eu cheguei no terceiro [ano do ensino] Clássico havia uma colega de estudos que era muito estudiosa também e ela optou pelas Ciências Sociais. E então eu pensei: “Bom, se ela está optando pelas Ciências Sociais e ela é tão inteligente, eu tenho a impressão que [risos] ela está fazendo certo, não é. Então eu vou optar pelas Ciências Sociais.” Portanto, a opção por Ciências Sociais foi uma opção... assim... sem saber exatamente o que eram as Ciências Sociais, foi por... por essa imitação, digamos assim, da opção dessa minha colega. E foi muito interessante porque... apesar de ser bastante estudiosa, de tirar boas notas, eu era muito insegura. E eu tinha como certo que eu não conseguiria passar no Vestibular da USP, por exemplo, que eu não passaria. Então eu fui pra São Paulo assim que terminei o Curso Clássico, em 1963, começo de 1964, para fazer o processo seletivo no Sedes Sapientiae. Mas lá chegando eu percebi que meu pai não teria condições de me sustentar, porque era uma escola privada. Aí o que ocorreu? Eu desisti, voltei sem prestar esse vestibular e estava lá, na minha casa, em Altinópolis, quando uma amiga que estava prestando vestibular em Araraquara, em Letras, me disse que haveria segunda época. Naquela época o Vestibular era completamente diferente, haveria segunda época e eu poderia estar me inscrevendo. Então eu vim para Araraquara, fiz a inscrição e passei no curso de Ciências Sociais. A opção pelo curso de Ciências Sociais foi muito casual, eu realmente não sabia o que eram as Ciências Sociais, já que meu grande desejo mesmo era, naquele momento, fazer o curso de Letras. Bom, as dificuldades foram muitas, e eu acredito que tanto eu como os demais colegas que entraram naquele ano, em 1964, não tínhamos idéia do que poderia acontecer. Então... realmente foi um... talvez tenha sido um grande choque, não somente pelo tipo de leitura, pelo próprio universo estudantil, como também pelos acontecimentos políticos. ... foi um momento assim... de muita mudança, de muita transformação. Tanto é que nós entramos em trinta alunos no curso de Ciências Sociais em Araraquara – era a segunda turma – e conseguimos sair apenas em seis. Quer dizer, houve vinte e quatro desistências durante o curso, sendo que a grande maioria se deu no primeiro ano, 1964. Quer dizer, a maioria desistiu do curso em virtude do Golpe Militar. Isso porque a faculdade perdeu muitos professores, outros foram perseguidos, outros se demitiram... Realmente foi um ano bastante conturbado. Não só esse ano, mas foi todo o período da faculdade em virtude dessas questões políticas.

*BEATRIZ: Certa vez você contou um pouco dessa história, disse que havia alguns militares pela faculdade...*

*MARIA APARECIDA: É, a partir de 1965 alguns militares, três militares da Força Pública, entraram no curso de Ciências Sociais.*

*FÁBIO: E como era o convívio com eles?*

*MARIA APARECIDA: Era um convívio... assim... à distância. Felizmente eles não eram da minha turma, então era um convívio à distância, mas todos nós sabíamos que deveríamos tomar bastante cuidado, bastante cuidado.*

*BEATRIZ: E nessa época da Ditadura os professores eram já de uma orientação bastante marcada pelo marxismo?*

*MARIA APARECIDA: Eram, eram. Os professores que ficaram foram aqueles que realmente tiveram essa orientação. Posso citar o caso da Prof<sup>a</sup> Heleieth Saffioti, que era responsável pela cadeira de Sociologia. Ela foi minha professora durante os quatro anos da universidade, e ela sempre manteve essa linha marxista. Muito embora nós estudássemos vários autores, não somente da Sociologia brasileira como também da Sociologia Clássica,*

não era só Marx. Mas, realmente a marca do curso era uma marca assim pautada pelo materialismo histórico.

*BEATRIZ: Que outros professores você teve nessa época, Moraes?*

*MARIA APARECIDA:* Olha, eu tive a oportunidade de ter [aulas com] o Prof<sup>o</sup> Paul Singer, ainda que por muito pouco tempo. Ele era nosso professor de Economia e foi um dos que abandonaram o curso em virtude das questões políticas. Tivemos também outros professores excelentes, o professor de Filosofia chamado Paulo Monteiro, era excelente professor. Nós tínhamos filosofia em todos os anos; além dele, tivemos o Prof<sup>o</sup> Aluísio Reis, que se aposentou há pouco tempo em Araraquara e era também nosso professor de Filosofia, que veio de São José do Rio Preto, a Prof<sup>a</sup> Vera Marisa, que lecionou Sociologia e depois Economia...

*FÁBIO: E o Dante Moreira Leite?*

*MARIA APARECIDA:* E o Dante Moreira Leite, boa lembrança. Ele era professor responsável pela Psicologia. Era excelente professor, lecionou Psicologia um ano todo.

*FÁBIO: A partir dessa formação como é que você chegou especificamente à Sociologia?*

*MARIA APARECIDA:* Bom, o curso, embora fosse um curso de Ciências Sociais e não de Sociologia, era um curso marcado pela Sociologia. Antropologia nós tivemos por dois anos, Ciências Políticas por dois anos, no entanto, Sociologia nós tivemos durante os quatro anos. A grade curricular era bem diferente do que é hoje, era dada uma ênfase maior às matérias obrigatórias em detrimento das optativas. E, aí, o maior peso mesmo das disciplinas era dada pela Sociologia. Eu acho que em virtude disso, evidentemente, eu fui me encaminhando, me interessando mais, pela Sociologia.

*BEATRIZ: E você foi bolsista, Moraes?*

*MARIA APARECIDA:* Não, não. Naquela época não havia, nós não tínhamos bolsa, iniciação científica, não havia moradia, restaurante universitário, nada disso. Mas eu participei de algumas pesquisas, eu me lembro de ter participado de uma pesquisa da Heleieth Saffioti, depois também de uma outra professora da Ciência Política chamada Fany Tabak... Mas como auxiliar de pesquisa, aplicando questionários, fazendo coisas desse tipo. Não havia bolsa.

*FÁBIO: E, naquela época, se fazia pesquisa com questionário?*

*MARIA APARECIDA:* Era, sobretudo, questionário. Era uma metodologia mais quantitativa mesmo.

*BEATRIZ: E nesse caminho você foi se aproximando mais da Prof<sup>a</sup> Heleieth Saffioti.*

*MARIA APARECIDA:* Sim, exatamente. Fui me aproximando dela.

## **Os Estudos Rurais**

*FÁBIO: Moraes, a partir de que momento as relações sociais no meio rural começam a se tornar objeto de investigação sociológica?*

*MARIA APARECIDA:* Bem... retornando à trajetória, depois de ter terminado o curso de Ciências Sociais eu fui trabalhar no Ensino Médio. Trabalhei no Ensino Médio por dez anos.

Exatamente nove anos e seis meses. E aí, em virtude da ditadura militar houve uma mudança na grade do Ensino Médio. Então, a disciplina de Sociologia caiu, Filosofia caiu e no lugar destas disciplinas apareceu uma outra, chamada Estudos Sociais, que passava o conteúdo de Organização Social e Política Brasileira e Educação Moral e Cívica. Os militares colocaram essas disciplinas. Então, como eu tinha o curso de Ciências Sociais e naquela época só havia Licenciatura, não havia Bacharelado, eu consegui pegar essas aulas de Estudos Sociais. Então eu trabalhei, sobretudo, em São Carlos, trabalhei aqui durante oito anos no Instituto de Educação Álvaro Guião lecionando essa disciplina para alunos do 1º e 2º colegiais, então como professora mesmo da Rede. Só que, enquanto portadora desse diploma, eu também não tinha chances de prestar concurso, porque eles não abriam concurso dando oportunidade para nós, das Ciências Sociais. Eles abriam para História, para Geografia, mas não para as Ciências Sociais, os professores de História e Geografia sempre tiveram uma prevalência sobre nós. Então eu fiquei durante todo esse tempo na condição de *professora precária*, era assim mesmo que era chamado. Nós não tínhamos estabilidade, não éramos efetivos, nada! Quer dizer, éramos contratados a título precário. E foi uma situação insustentável para mim, porque eu percebia que a qualquer momento podia perder essas aulas. Então foi um momento bastante insólito. E quando chegou o ano de 1976 eu prestei um curso de pós-graduação na USP, na História Social. Veja, isso é interessante, porque eu advinha das Ciências Sociais, tendo uma formação toda de Sociologia, e eu até hoje não sei porque eu não me matriculei num curso de Sociologia ou de Ciências Sociais na USP. Eu fui para História Social e consegui passar. Mas exatamente naquele ano o Élson<sup>2</sup> conseguiu uma bolsa da CAPES para ir para a França, fazer o Doutorado. Então nós fomos para a França, e lá eu fiz o curso de Sociologia, o Mestrado e o Doutorado. E foi muito interessante, porque na França eu reencontrei um grande professor, Pedro Calil Padis. Ele substituiu o professor de economia, Paul Singer, era amigo do Paul Singer. E ele também foi perseguido pela ditadura, ele teve que sair de Araraquara e foi para a França, me parece que na condição de exilado. E lá ele conseguiu ser o diretor do IEDES (Institut d'Études de Développement Économique et Social), ligado a Universidade de Paris I, Sorbonne. Sabendo que ele estava lá, fui procurá-lo, e, por meio dele, consegui falar com meu futuro orientador, Professor Yves Goussault, e ser aceita no Programa de Pós-Graduação e fiz o mestrado e o doutorado lá. Já na pós-graduação orientei a pesquisa para as questões rurais, justamente em virtude dessa origem rural... e, sobretudo, porque aquele momento era o momento também que o projeto de modernização da agricultura brasileira estava no seu auge, projeto esse que foi implantado pela Ditadura Militar. Nesta região do Estado de São Paulo (região administrativa de Ribeirão Preto), estava aparecendo o fenômeno do bóia-fria, com o fim das colônias, dos parceiros, dos arrendatários, o fenômeno da concentração das terras, do aparecimento das Usinas... As transformações estavam acontecendo de uma forma bastante rápida. E eu comecei a problematizar essa questão a partir do município de Altinópolis, mostrando que apesar da continuidade da cultura do café, as relações de trabalho estavam sofrendo profundas transformações. Havia já uma série de trabalhos sobre o chamado trabalhador “bóia-fria” afirmando que a mudança de atividade é que era responsável por seu aparecimento. E no município de Altinópolis não houve mudança de produto, o café continuou existindo, tanto antes quanto depois da cana, e, no entanto, o que mudou foram as relações de trabalho, as relações sociais. As colônias foram extintas e depois vieram os bóias-frias. Então eu abarquei essa temática, estudando a questão da modernização e, já naquele momento também, realizando a pesquisa qualitativa, por meio de entrevistas com os trabalhadores.

*FÁBIO: E a partir de que momento começa a surgir uma Sociologia Rural? E a partir de quais autores?*

*MARIA APARECIDA: A Sociologia Rural teve uma marca muito grande, no Brasil, dada pela Maria Isaura Pereira de Queiroz. Mas a marca dela foi sempre a marca cultural, ela se*

<sup>2</sup> Élson Longo, seu esposo, Prof<sup>o</sup> do Departamento de Química da Universidade Federal de São Carlos.

interessou muito pelo modo de vida, pela cultura, pelos hábitos rurais. Havia também uma outra socióloga, Lia Fukuy, alguns trabalhos da própria geografia, como o de Pierre Monbeig, que eu acho um autor extremamente importante, sobretudo para se compreender toda a modificação existente aqui no Estado de São Paulo, a questão da desruralização e urbanização rápida, com a transformação dos campos.... E tem também o livro de Antonio Cândido. Embora ele não seja sociólogo rural, o livro dele, “Os parceiros do Rio Bonito”, que foi publicado na década de 1960, também contribuiu muito para o nascimento da chamada Sociologia Rural aqui no Brasil. E então, a partir da década de 1970 começam a surgir vários trabalhos sobre o bóia-fria. Havia, por exemplo, o PIPSA que era um evento que reunia vários pesquisadores do mundo rural. Houve vários congressos realizados em várias regiões do Brasil e todos eles tratavam, exatamente, daquelas mudanças existentes. Participavam desses eventos, pesquisadores de várias disciplinas, como Geografia, Sociologia, Economia, das Ciências Sociais, da Antropologia.... Hoje já não há mais o PIPSA. Vários professores de Araraquara participavam desse evento, Leila Stein, Vera Botta... Elas participaram, sempre estiveram organizando mesas, encontros, e tudo mais. Então... havia uma Sociologia Rural, evidentemente, mas havia outras disciplinas também preocupadas com a questão rural, dentre elas a própria Geografia. Havia uma preocupação interdisciplinar com as questões que apareciam. Porque o projeto de modernização foi muito intenso no Estado de São Paulo, mas ele abarcou o país como um todo. Nesses trabalhos aparece, por exemplo, a preocupação com os acontecimentos na Amazônia, já nessa época. A questão da expansão da fronteira, trabalhos na área da Antropologia, como os de Otávio Velho, destacando-se os de José de Souza Martins, autor também preocupado com a expansão do capitalismo e as formas de violência. Aparecem depois trabalhos, também muito interessantes, sobre a guerrilha no Araguaia, a discussão dos posseiros... Em várias partes do Brasil nós vamos ver o aparecimento desses trabalhos. No Nordeste os trabalhos acerca das ligas camponesas, da perseguição aos camponeses, a mudança do Engenho para as Usinas (que resultou numa expulsão dos moradores), a questão da concentração de terras no Nordeste e também no Sul do Brasil, a concentração do capital a partir do aparecimento das Usinas... Quer dizer, há transformações no Brasil inteiro. Portanto, eu acho que a temática do rural surge como uma temática extremamente importante, sobretudo a partir da Ditadura Militar. Porque até então você encontrava mais os trabalhos voltados à cultura, aos estudos de comunidades, bairros rurais; depois é que aparecem os estudos que vão mostrar o processo de expansão do latifúndio, o processo das lutas camponesas, das lutas sociais e assim por diante. Acontecimentos que vieram *com* a Ditadura, e *durante* o período da Ditadura, decorrendo um processo de expropriação do campesinato e a instalação de grandes empresas... Provocou, portanto, uma preocupação muito grande por parte das Ciências Sociais de um modo geral, das Ciências Humanas.

*BEATRIZ: Em cada período histórico podemos identificar algumas teses que se elevam como centrais. Nessa época quais eram as teses centrais entre os trabalhos que despontavam?*

*MARIA APARECIDA:* Um trabalho importante, que teve uma grande repercussão, foi o trabalho da Maria Conceição D’Incao com o título “Bóias-frias: acumulação e miséria”. Era um trabalho de um marxismo bastante ortodoxo, e um trabalho que hoje poderia ser criticado mesmo do ponto de vista da teoria que ela persegue. Ela considera os bóias-frias como exército de reserva, bem dentro do esquema, do modelo de acumulação de capital. Eu, por exemplo, tenho escritos, de há algum tempo<sup>3</sup>, a partir de outra interpretação, que o trabalhador bóia-fria não é “exército de reserva”, ele não faz parte do exército de reserva, ele faz parte do exército de trabalhadores, muito embora trabalhando temporariamente para esse capital. Mas ele não é reserva, não se constitui enquanto reserva. Quer dizer, dentro do modelo teórico de Marx, a meu ver, a definição do trabalhador bóia-fria como exército de reserva não cabe. Mas de qualquer forma foi um trabalho que apareceu no final da década de 70 e começo da década de 80 e que teve uma repercussão muito grande, porque revelou

<sup>3</sup> *Errantes de fim do século*. São Paulo: Edunesp, 1999.

o que estava ocorrendo no Estado de São Paulo. Naquela época houve também outro trabalho interessante, de repercussão muito grande, que foi o do José Vicente Tavares dos Santos sobre os colonos do vinho<sup>4</sup>, um trabalho sobre os imigrantes do Sul, sobre os produtores do vinho. Aí ele emprega também o modelo teórico de Marx, ele foi orientando do José de Souza Martins. É um trabalho sobre a submissão formal do trabalho ao capital e a submissão real do trabalho ao capital. E nos anos 80, a meu ver, começam a se destacar os estudos do Prof<sup>o</sup> José de Souza Martins. Ele teve uma participação muito grande junto aos movimentos sociais, sobretudo a CPT, que foi criada também no bojo da Ditadura Militar. Ele traz contribuições para o pensamento acerca da violência ao campesinato, ao posseiro, principalmente, da região amazônica. Então, são vários os livros dele produzidos nesse período que reportam, por exemplo, à expansão da fronteira na região amazônica e o massacre dos camponeses. Não só camponeses como tribos indígenas. Os livros do Prof.<sup>o</sup> José de Souza Martins sobre estes temas são de suma importância para a Sociologia rural .

*FÁBIO: Moraes, embora as contribuições de Marx estejam presentes entre os estudiosos do mundo rural, haveria, no interior da Sociologia de inspiração marxista, uma tendência a enfatizar a análise da atuação política do proletariado urbano-industrial em detrimento da luta dos trabalhadores rurais? Quais os limites dessa perspectiva?*

*MARIA APARECIDA:* Olha, eu acho que sim. E um trabalho também bastante interessante nesse sentido é o do Eder Sader, com aquele título “Quando novos personagens entram em cena”.<sup>5</sup> E ele faz uma crítica aos estudos sobre o operariado urbano de até então. E qual é a crítica principal? Ele mostra que esse operariado urbano não era combativo exatamente porque ele vinha do mundo rural, eram migrantes, principalmente do Nordeste brasileiro, que eram áreas dominadas por outras formas de dominação que não propriamente capitalistas e, conseqüentemente, isso fazia com que a consciência desses trabalhadores fosse uma consciência... diminuída. Esses operários eram vistos, até mesmo, como não tendo consciência, ou com uma consciência fragmentada. Esse trabalho é importante, porque ele critica essa posição, contribuindo para a desmistificação da ideologia sobre o homem do campo, como atrasado, analfabeto, incapaz de ser sujeito da história. Embora não seja esse o objeto do texto, ele traz algumas pistas para desmontar essa tese em relação aos trabalhadores rurais. Até hoje essa visão existe no campo das Ciências Sociais, porque ainda o rural é visto, muitas vezes, pelas Ciências Sociais como algo à margem, considerado como algo menor. Seria uma questão de menor valor no campo das Ciências Sociais. E, a meu ver, isso tem relação com o significado da própria Ciência. Porque a Ciência não é neutra e, evidentemente, aqueles que a fazem também não são, eles também são portadores de ideologia. Eu não estou exatamente criticando todos os estudiosos, isto seria leviano de minha parte, evidentemente há diferenças. Mas, de toda forma, eu diria que o rural não é considerado a sala de visitas da Sociologia. Não está na sala de visita, não está. Até hoje eu vejo assim. E... e os trabalhadores rurais muitas vezes são vistos como analfabetos, como incapazes de ter uma consciência política, necessitando, portanto, de uma vanguarda, que venha do urbano ou que venha de partidos políticos... Essa marca negativa e ao mesmo tempo cheia de prejuízos em relação aos trabalhadores rurais é algo que ainda infelizmente está presente, não só na academia como também no interior dos movimentos sociais, principalmente dos movimentos urbanos. Os trabalhadores rurais são sempre vistos como menos capazes de serem portadores da transformação do que os trabalhadores urbanos. Esquecem, assim, da história. Por exemplo, se nós tomarmos a revolução cubana, quem fez a Revolução Cubana foram os trabalhadores rurais assalariados e camponeses, porque o operariado que existia em Cuba naquele momento ele era extremamente restrito à cidade de Havana e era infinitamente inferior ao número de

<sup>4</sup> SANTOS, José Vicente Tavares dos. Colonos do vinho: estudo da subordinação do trabalho camponês ao capital. São Paulo: Hucitec, 1978.

<sup>5</sup> SADER, Eder. Quando novos personagens entram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

trabalhadores rurais assalariados e camponeses que existiam em Cuba. Se tomarmos o exemplo da Revolução Chinesa nós vamos ver a mesma coisa: quem fez a Revolução Chinesa foram os camponeses. E o mesmo é o exemplo de todo o campesinato na Revolução Russa. Eu acho que mesmo que tenhamos esses exemplos históricos ainda vamos encontrar resquícios de uma ideologia... também dessas interpretações (des) valorativas em relação ao homem do campo em muitos trabalhos.

*FÁBIO: E qual a importância do Chayanov?*

*MARIA APARECIDA:* Aqui no Brasil pouca gente conhece o Chayanov, pouca gente conhece, mesmo na minha geração. Na atual geração eu não sei, contam-se talvez nos dedos quem o conhece. E, que eu saiba, até hoje não houve uma tradução para o português do trabalho dele, e isso também em virtude de questões políticas maiores. Nós temos tradução das obras do Lênin, do Kautsky, de Marx, mas você não tem do Chayanov.

*FÁBIO: Em que medida a incorporação das categorias de gênero e geração e raça/etnia para a análise das lutas sociais no campo permitiu um alargamento da análise histórica e sociológica?*

*MARIA APARECIDA:* Eu vou contar um pouco, na minha trajetória, como encontrei essas categorias. Até 1988, 89, eu somente conseguia enxergar a categoria classe social, eu tinha um olhar somente para a classe social, eu não tinha um olhar para essas outras categorias de análise, tanto o gênero como a raça/etnia. Eu encontrei essas categorias no próprio campo, no empírico. Quer dizer, não foi um encontro teórico primeiro, foi um encontro empírico. E isso aconteceu durante uma greve dos trabalhadores rurais aqui na região. Houve um piquete na cidade de Barrinha e os meus estudantes naquela época, os meus bolsistas de iniciação científica, acompanharam vários desses piquetes. E eu fui lá durante um desses piquetes, e nós observamos que as mulheres não estavam presentes. E naquele momento, década de 80, a participação das mulheres no trabalho rural na região, não só como cortadoras de cana, mas também como colhedoras de laranja, de café, era muito grande. E o questionamento que surgiu foi esse: por que as mulheres não estavam ali presentes? Por quê? E nós constatamos que as mulheres não estavam ali porque os maridos não as deixavam participar dos piquetes. Não era por causa do Usineiro, nem dos feitores e fiscais que estavam ali, vigiando, anotando os nomes dos trabalhadores para depois levá-los até o escritório da Usina e, conseqüentemente, dispensá-los. Elas não estavam ali exatamente porque os maridos não as deixavam. Então, a questão de gênero surge exatamente aí, eu pude perceber que além da classe havia uma outra forma de opressão, que era a opressão masculina, no caso advinda dos próprios maridos. E percebemos também que as mulheres que participavam eram consideradas putas, sem-vergonhas, eram mulheres que estavam ali porque queriam depois sair com os homens, enfim, elas eram vistas como o oposto daquela mulher dona-de-casa, esposa, etc. E vimos, também, que a grande maioria das mulheres que estavam nos piquetes era constituída de mulheres solteiras, viúvas ou separadas. Então essa questão de gênero se tornou uma categoria de análise a partir, exatamente, dessa situação de campo. E aí eu lembro que logo depois eu fiz um projeto para analisar essa questão que obteve a aprovação da Fundação Carlos Chagas. E a questão étnico/racial surge a partir do momento que eu fui percebendo que não eram só os trabalhadores locais os responsáveis pelo trabalho nessa região, mas também os migrantes. E aí a percepção que se tinha, e que ainda se tem, é que esses trabalhadores são negros, são nordestinos, são nortistas. Enfim, há todo um conjunto de idéias negativas que recaí sobre eles. Essas categorias passaram a fazer parte das minhas reflexões como categorias da mesma importância. Quer dizer, eu não consigo hoje hierarquizar essas categorias, dando à classe maior importância, ao gênero menor importância. Para mim elas são categorias sociais diferenciadas, resultantes de processos sociais diferenciados, mas categorias que se relacionam. Não as vejo como hierarquizadas.

Elas são diferentes, mas se relacionam. É possível encontrar numa mesma pessoa a identidade de gênero, a identidade étnico/racial e a identidade de classe social.

*BEATRIZ: É a idéia de que o real não se fragmenta, não é?*

*MARIA APARECIDA: Exatamente, exatamente. Talvez nós o fragmentemos, mas o real não está fragmentado.*

*BEATRIZ: E quando você pensou nessas categorias, a [Prof.<sup>a</sup>] Heleieth Saffioti já tinha dado o nome de “nó conceitual”, ou não?*

*MARIA APARECIDA: Então, a partir do momento que eu passei a me interessar, a partir do momento que essa situação empírica se colocou, eu passei, evidentemente, a abrir o meu leque de leituras. Então eu fui buscar na literatura de gênero as leituras necessárias para compreender essa realidade. Naquele momento a literatura de gênero no Brasil já estava bastante avançada, sobretudo os temas gênero e trabalho. Mas era, sobretudo, trabalho urbano, trabalho doméstico, trabalho nas fábricas... mas não o trabalho rural. Então, evidentemente, mesmo que essa literatura tivesse sido ancorada nos problemas urbanos, elas tiveram para mim uma importância muito grande. Então os trabalhos da Prof.<sup>a</sup> Heleieth Saffioti tiveram uma importância muito grande porque ela consegue exatamente enxergar essas categorias numa relação bastante estreita, e ela, inclusive, cunhou essa expressão do “nó”, referente ao entrelaçamento das categorias de gênero, classe e raça/etnia.*

## **Agronegócio e Conjuntura Neoliberal**

*FÁBIO: Desde a década de 80 tem sido registrada uma intensificação da exploração do trabalho nos eitos dos canaviais. Quais as causas deste fenômeno e suas principais conseqüências do ponto de vista social?*

*MARIA APARECIDA: A questão da exploração dos trabalhadores não é nova, mas eu acredito que esta exploração, o grau de exploração, ele foi aumentando com o passar dos anos. E hoje nós temos uma verdadeira aberração, que é exatamente exigir do trabalhador, muitas vezes, que ele ultrapasse os seus próprios limites físicos. O que nós tivemos nesses últimos anos, de 2004 a 2007, foi o registro de 21 mortes de trabalhadores cortadores de cana no Estado de São Paulo, supostamente, por excesso de força. Eu não tenho conhecimento desse tipo de registro nas décadas de 70, 80 e 90. Esse índice, esse grau elevadíssimo de exploração vem ocorrendo de 10 anos para cá, sobretudo a partir do momento que esses canaviais se expandiram e os níveis de produtividade também se elevaram muito. As causas deste fenômeno estão relacionadas, a meu ver, ao próprio modelo de acumulação desses capitais, ou seja, uma acumulação que prevê níveis muito elevados, visando à competição nos mercados externos. E o Brasil, especificamente, tem vantagens comparativas não somente em relação a uma força de trabalho em grande quantidade, disponível e barata, como também grandes quantidades de terra e água. Para a produção das commodities, como a soja, o milho, a carne bovina e também o etanol advindo da cana-de-açúcar, o Brasil tem as maiores vantagens comparativas do mundo. É por isso, por exemplo, que o etanol é, de longe, o produto mais competitivo no mercado externo. Se vocês compararem o etanol brasileiro e o etanol norte-americano, advindo do milho, há realmente uma diferença muito grande. Bem, então, a busca desenfreada pelos lucros é a causa principal desses níveis de exploração elevados, por um lado. Por outro lado, eu vejo que esse trabalhador traz no seu corpo as marcas da desvalorização. E, sobretudo, porque de uns 20 anos pra cá a grande maioria desses trabalhadores tem sido constituída por trabalhadores migrantes, que são ainda mais desvalorizados do que os trabalhadores locais. Eles trazem a marca de serem nordestinos, nortistas, negros, descendentes de índios e, assim por diante. Essas marcas também são responsáveis pela definição do preço da força*

de trabalho. Então, a meu ver, seriam também esses condicionantes históricos que levam à diminuição do preço dessa força de trabalho. Só pra vocês terem uma idéia, no ano passado o trabalhador recebia R\$ 2,50 para contar uma tonelada de cana, e, segundo cálculos do Sindicato de Bebedouro, esse preço é três vezes inferior ao valor da década de 80. E também o professor de Geografia da UNESP de Jaboticabal José Gilberto de Souza tem análises mostrando exatamente isso, mostrando que na década de 80 o salário dos trabalhadores correspondia a três vezes mais do que é hoje. Houve uma diminuição real do preço da força de trabalho com o passar do tempo, ou seja, cada vez mais esse salário consegue comprar menos coisas, e isso faz com o que esse trabalhador tenha que se esforçar muito para ter um mínimo necessário para sua própria reprodução e também para reprodução da sua família. Então essa é uma questão. Uma outra questão, que eu acho importante mencionar, é que no último ano têm havido uma preocupação muito grande com a aplicação da ciência em relação à descoberta de novas variedades de cana. Há muitos investimentos de organismos públicos, não só privados, nestas pesquisas. E isso tem resultado, por exemplo, na melhoria das variedades de cana e, conseqüentemente, no aumento da produtividade. Então, a região de Ribeirão Preto, sobretudo, é aquela que apresenta os maiores níveis de produtividade em relação à cana-de-açúcar. Ou seja, a preocupação, hoje em dia, é que cada vez mais a cana seja composta por um maior índice de sacarose e um menor índice de água, o que significa que a cana vai se tornando cada vez mais leve e com um conteúdo maior de sacarose. Há um tempo atrás talvez fosse necessário o dobro de quantidade de cana para produzir a mesma quantidade de sacarose. Que relação essa informação tem com a questão da produtividade do trabalhador? Acontece que, como sua remuneração é calculada pelo peso, ele precisa cortar uma maior quantidade de cana para manter o mesmo nível salarial. Hoje eles chamam a cana de “cana palito”, ela é muito fina, ela pesa pouco, graças exatamente a essas pesquisas. Outra questão, outro ponto importante se reporta à mecanização. As melhores canas são destinadas às máquinas, e as piores aos trabalhadores. A máquina só corta a cana em pé, aquela cana que cai em razão dos ventos, da chuva, a chamada “cana deitada”, a máquina não corta, esta é destinada ao trabalhador. Então, para ele cortar essa cana precisa fazer, primeiro, um movimento com a perna para levantar a cana, o que aumenta seu esforço. Essas são situações relativas ao próprio ambiente de trabalho, situações causadas pelo desenvolvimento da tecnologia e da ciência, que provocaram, por um lado, o aumento da produtividade do trabalho e, conseqüentemente, a exigência de maior esforço, que não foi acompanhado por aumento salarial. Então essa é a situação do trabalhador hoje. Também há um aumento da disciplina no trabalho, do controle. E a forma de pagamento é por produção. Desde a época de Marx se sabe que é a pior forma de pagamento para o trabalhador, porque é a forma que exige dele um esforço cada vez maior, esforço que é introjetado. Ele acaba aceitando a idéia de que o pagamento está relacionado à sua produtividade, que quanto mais corta, mais recebe, e não vê que isso pode prejudicá-lo do ponto de vista da saúde, por exemplo, que é exatamente o que vem ocorrendo. Temos visto mortes, acidentes e também vários problemas de saúde que têm acometido esses trabalhadores, e todos esses fatores são resultantes dessa situação.

*BEATRIZ: Você poderia falar sobre a mudança do fluxo migratório, que antes era marcado pela presença dos mineiros e agora é marcado pela presença de nordestinos.*

*MARIA APARECIDA:* Sim, eu diria que há sempre uma redefinição do que eu chamo de “cartografia migratória”. Na década de 90, você dificilmente encontraria um trabalhador maranhense ou piauiense, hoje você já encontra milhares deles, milhares deles! Não só aqui na região como em outras regiões como São José do Rio Preto. E hoje nós sabemos que muitos mineiros, que para cá se destinavam, estão indo para o Mato Grosso, para o Rio de Janeiro, para Minas Gerais mesmo, onde há plantação de cana, para o Paraná... Então há uma constante redefinição dessas correntes migratórias.

*BEATRIZ: Algo que tem relação com a própria dinâmica da economia agrícola, não?*

*MARIA APARECIDA:* De um modo geral sim, levando-se em conta o que está acontecendo nas regiões de origem e de destino desses trabalhadores. Por exemplo, a pesquisa que eu fiz no Maranhão no ano passado, que está em desenvolvimento, aponta exatamente para isso. Os maranhenses e piauienses estão vindo pra cá porque estão sendo expulsos de suas terras. O avanço da soja no cerrado e o avanço da pecuária no Maranhão são responsáveis por um processo de expropriação lá e, conseqüentemente, não lhes resta outro caminho a não ser o da migração, da saída. Eu tenho pensado, com a ajuda de alguns autores, que talvez nem possamos mais definir esse fenômeno como *migração*, mas sim como *mobilidade humana*. Porque na migração você supõe um tempo maior de permanência, que seria o caso das migrações definitivas. Mas o que ocorre todos os anos é, na verdade, aquilo que eu chamo de “migração permanentemente temporária”, que está tendendo a ser considerado como uma mobilidade humana. Por exemplo, o que eu ouvi no México é que há muitos camponeses que nem sequer têm lugar de origem, porque eles ficam permanentemente circulando de um lugar a outro. Então, por exemplo, quando nascem os filhos nesse processo eles não sabem dizer onde nasceram, qual é o local onde moram... Hoje eles podem estar num lugar, amanhã em outro, depois em outro e, assim, sucessivamente. Quer dizer, são pessoas que não têm mais lugar fixo, são os verdadeiros nômades modernos. Então, esse processo, esse vai-e-vem que se repete todos os anos, é uma *mobilidade*. Assim como, por exemplo, na Europa existem casos de migrantes sem migração, como o caso das empresas que mandam trabalhadores de um país a outro, para desempenhar determinadas funções, atividades, e quando estas terminam, eles vão para outro local. Quer dizer, você não tem uma migração, mas você tem os migrantes. Não é propriamente uma migração. É um fenômeno que acontece não somente no Brasil como em outros países e que está se acomodando cada vez mais às exigências desse modelo do chamado agronegócio.

*FÁBIO:* *Mais recentemente, em razão do Programa de Aceleração do Crescimento colocado em prática pelo Governo Federal, os produtores de etanol ganharam status de “heróis” nacionais, após as declarações do presidente da república à imprensa internacional. O etanol tem sido apontado internacionalmente como fonte de energia limpa e renovável, dando impulso à produção automobilística. Quais os impactos dessa política econômica do ponto de vista ambiental?*

*MARIA APARECIDA:* São muitos os impactos. Eu tenho lido bastante a respeito disso e não são propriamente os sociólogos ou cientistas sociais que estão dando respostas a estas questões, mas outros profissionais, de outras áreas, como os químicos, os agrônomos, os geógrafos. Então eu tenho lido trabalhos desses profissionais e tenho visto que os impactos ambientais são muito grandes. Por exemplo, a questão da qualidade do ar. Nós sabemos que a cana é queimada, e no momento da queima uma quantidade muito grande, toneladas e toneladas de gases vão para a atmosfera. Muitos desses gases contêm resíduos de partículas dos agrotóxicos, dos maturadores que são lançados nos canaviais, um pouco antes do corte. Outros trabalhos apontam para a questão do vinhoto, da vinhaça, que é um resíduo da produção do etanol. Na década de 70, ele era lançado nos rios e o resultado disso foi uma mortandade de peixes nos rios Piracicaba, Rio Mogi, Rio Pardo e assim por diante. Depois disso, na década de 80, eles começaram a aproveitar o vinhoto como fertilizante, através de um sistema chamado, “fertiirrigação”. No entanto, hoje o grande problema que está sendo colocado é: até que ponto esse vinhoto não está contaminando os lençóis freáticos e também as áreas dos aquíferos, tanto o Aquífero Bauru quanto o Aquífero Guarany, que passam aqui nessa região de Ribeirão Preto. Outros estudos apontam também para a questão do bagaço da cana. Uma parte do bagaço é queimada para produzir energia nas caldeiras da própria Usina. Mas outra parte não é transformada em energia, então esse bagaço fica no pátio, e quando seca vão formando pequenas partículas que são levadas pelo vento e podem afetar gravemente a saúde das pessoas, na medida que essas partículas podem ser aspiradas e trazer problemas muito sérios para os pulmões. Em razão

das queimadas, vários médicos já provaram – tanto médicos de Piracicaba quanto da USP de Ribeirão Preto – que aumentam, consideravelmente, as internações em hospitais de crianças e idosos, e daqueles que são portadores de problemas respiratórios. Então, do ponto de vista ambiental é muito difícil sustentar que a produção do etanol se constitui como uma energia limpa, justamente porque para a defesa dessa idéia se leva em conta tão somente o consumo do produto comparado ao petróleo, muito embora vários trabalhos publicados por físicos de vários países do mundo remetam em questão esta afirmativa. Quer dizer, não é uma verdade absoluta que o etanol é menos poluente que a gasolina, é algo que já é questionado, quando consumido, enquanto combustível. Mas aqueles que defendem que ele é menos poluente, como é o caso do nosso presidente, fazem essa defesa levando-se em conta apenas o consumo, e não todo o processo de produção. É como se o etanol brotasse da terra assim como brota o petróleo, e não é verdade, ele exige todo um processo produtivo que tem todas essas implicações. E sem contar que é uma produção em larga escala, é monocultura, e toda monocultura é prejudicial porque afeta a biodiversidade. Sem contar ainda que uma produção em larga escala traz muitos prejuízos na medida em que há desmatamento, na medida em que há o desrespeito à existência de preservação de matas ciliares, uma consequência terrível também para a fauna. Onde está a fauna do Estado de São Paulo? Onde está a nossa fauna? E, por outro lado, traz consequências em relação à produção de alimentos. A produção de cana no Estado de São Paulo hoje já está atingindo a marca dos 5 milhões de hectares, 5 milhões de hectares! O ano passado eram 4 milhões de hectares, hoje já são 5 milhões de hectares. Em um ano houve o aumento de 1 milhão de hectares! E isso está ocorrendo em detrimento de outras áreas antes dedicadas aos alimentos. O próprio Instituto de Economia Agrícola mostra a diminuição de áreas do arroz, do feijão, do milho, da batata, da cebola, do tomate e assim por diante. O que quer dizer que a monocultura canavieira realmente se instalou de uma forma predominante nas terras do Estado de São Paulo. E do ponto de vista ambiental, evidentemente, é algo extremamente negativo, além dos problemas sociais que trazem.

*FÁBIO: E tendo em vista a expansão do agronegócio no território nacional qual é o atual panorama das lutas sociais no campo frente à conjuntura neoliberal?*

*MARIA APARECIDA:* Do ponto de vista dos sindicatos nós estamos vendo uma participação extremamente débil, que, a meu ver, não pode mais ser considerada como reflexo da Ditadura Militar, mesmo porque faz muito tempo que essa Ditadura Militar acabou, isso não se justifica mais. E também, do meu ponto de vista, não se justifica mais se falar em refluxo do movimento sindical. Eu considero o movimento sindical hoje, sobretudo no Estado de São Paulo, muito mais parceiro dos usineiros do que sindicatos combativos. Com algumas exceções, e eu vou citar uma delas que é o sindicato de Cosmópolis, dirigido pela Carlita Costa, onde existe uma prática de combate e de questionamento a essas formas de exploração existentes. Em relação aos demais, eu não vejo uma participação no sentido de realmente combater os abusos da exploração, e isso fica muito claro nos acordos coletivos. Não existe preocupação, por exemplo, no sentido de reivindicar um aumento salarial, não existe uma preocupação no sentido de fazer cumprir, rigorosamente, a NR31, enfim. Um dos pontos também bastante desfavorável aos trabalhadores se refere ao sistema 5/1, ou seja, os trabalhadores trabalham 5 dias e descansam um dia. Isso fere, evidentemente, as práticas de sociabilidade dos trabalhadores. Porque, por lei, é reservado aos trabalhadores o descanso uma vez por semana, mas que seja aos domingos, porque é o momento que o trabalhador teria condições para desenvolver e participar das relações sociais com os vizinhos, os parentes, a família, enfim. Isso não é cumprido de modo geral, trazendo consequências negativas para a sociabilidade dos trabalhadores e é algo não levado em conta no momento dos acordos coletivos. Então, a NR31, que é um conjunto de normas que regulam o ambiente de trabalho rural, ela não é cumprida, e quem prova isso são os próprios promotores. Quando eles fazem as *blitz*, quando eles fazem as fiscalizações, eles mostram o quanto a NR31 não é cumprida. Então, o movimento social está marcado por este novo posicionamento dos sindicatos, os quais são muito mais parceiros do que

combativos. Não se tem mais, sobretudo no caso do Estado de São Paulo, um sindicato combativo, mas, por outro lado, há, nesse contexto, a participação do Ministério Público, dos promotores, procuradores, delegados regionais do trabalho, fiscais do trabalho... Existe toda uma preocupação por parte, portanto, desses novos atores no sentido de fazer cumprir essas normas. E os próprios promotores, muitas vezes, reclamam por não poderem contar com o apoio dos sindicatos quando eles fazem a fiscalização. Quer dizer, isso faz parte dos relatórios deles. Então essa é uma questão extremamente séria.

*BEATRIZ: E o movimento de luta pela terra, Moraes, qual é o papel dele nesse processo?*

*MARIA APARECIDA:* No caso da FERAESP, por exemplo, ela tem essa frente de luta, de lutar pela Reforma Agrária, mas o que nós vemos é uma atuação muito mais restrita às terras públicas, de um lado, ou então terras pertencentes, por exemplo, à FEPASA. Quer dizer, eu não vejo um embate direto em relação às terras ocupadas pelos usineiros. Porque, do meu ponto de vista, deveria haver um questionamento a respeito da função social da terra, isso está claro na nossa legislação, a propriedade rural tem de cumprir essa função social. E o que seria essa função social? Seria a função de preservar o meio ambiente, levar em conta as questões sociais e conseqüentemente não contribuir, de forma nenhuma, para o agravamento das desigualdades sociais. E essa é uma questão que não é colocada na pauta das discussões e, conseqüentemente, o movimento de luta pela terra está restrito muito mais a uma luta nessas terras públicas e também às terras pertencentes à FEPASA aqui na região. No oeste do Estado de São Paulo existe um movimento forte de luta pela terra, principalmente levando-se em conta todo o processo histórico de ocupação feito por meio da grilagem das terras, sobretudo do Vale do Paranapanema.

*FÁBIO: E qual é a relevância da memória no contexto da luta pela terra? Haveria alguma relação entre o “apagamento dos rastros”, mencionado por Walter Benjamin, e a subordinação do trabalho à lógica do capital?*

*MARIA APARECIDA:* Eu penso que o papel da memória é extremamente importante, ela pode ser realmente uma arma de defesa no processo de desterritorialização e também de desenraizamento, tanto social quanto cultural. Mas acontece que, de acordo com o que nós estamos vendo, mesmo que a memória tenha realmente esse potencial, eu não vejo até que ponto realmente ela poderá ser motor de transformação. Eu acho que é importante, sem dúvida alguma, mas não vejo até que ponto ela poderá ser motor de transformação, tendo em vista o avanço do agronegócio, e tendo em vista, sobretudo, o poder, não só econômico, mas também político e ideológico do agronegócio. Essa é uma questão bastante séria, porque ele não só controla economicamente a terra, os capitais, como também tem o controle político em nível local, estadual e federal. Existe a bancada ruralista, que realmente tem um poder muito grande para redefinir as orientações de vários projetos. E, além disso, há o poder ideológico presente na fala do presidente da República, dos governos dos Estados... Sem contar que existem várias cartilhas, que estão fazendo parte dos currículos das escolas fundamentais, cartilhas do agronegócio, relacionadas à cana. Há, ainda, o auxílio de órgãos financiadores de pesquisas. Então eu acho que o papel da memória, sem dúvida alguma, é importante, é uma arma importante, mas eu sinceramente não vejo até que ponto ela poderá ser motor para lutar contra toda essa estrutura, econômica, política e ideológica. E sem contar que, quando nós falamos em agronegócio, temos que pensar também no processo que está ocorrendo, no Brasil, de internacionalização não só dos capitais, mas também da propriedade da terra. Cada vez mais o Brasil está dependente dos países centrais. Muito embora eu veja as dificuldades em relação à memória como motor de transformação, tendo em vista, sobretudo, a atual conjuntura, posso afirmar que ela tem um potencial transformador muito grande. Em que medida isso pode acontecer? Exatamente porque a recuperação dessa memória pode fazer com que as pessoas que foram atingidas pelos processos de desenraizamento, de expropriação, tomem consciência da necessidade dessa transformação, isso é um ponto. Porque muitas vezes as pessoas que estão em risco

– e isso é muito grave no caso dos migrantes – eles passam a considerar a própria vida deles como uma espécie de destino, como algo natural, que é da vontade de Deus, por exemplo, e que é a vontade de Deus que fará com que não se dê prosseguimento a isso. Então, muito deles afirmam: “Essa é a última safra, o ano que vem eu não volto”. Mas acontece que não será a última safra, no ano que vem ele voltará. Então, esse processo de materialização é bastante forte, ele atua como mais uma forma de dominação, e, ao mesmo tempo, reflete o poder dessa ideologia. Portanto, a memória seria revolucionária no sentido de mostrar que isso não é natural, que é um processo histórico, e mostraria as causas dessa migração, o processo de expropriação... No caso especificamente dos jovens, pode mostrar a eles o que ocorreu a seus pais no passado e, assim por diante. Possibilitaria recuperar a trajetória, não somente individual como também social, a trajetória do grupo, no sentido de permitir o questionamento do presente. Portanto, do meu ponto de vista, a memória tem esse potencial. Entretanto é muito importante também observar que muitos trabalhadores têm consciência clara dessa história, mas, ao mesmo tempo, as alternativas de trabalho, de sobrevivência, são muito restritas, então acabam suportando toda essa situação em virtude da ausência de alternativas.

## Pesquisa e docência

*FÁBIO: Em que medida é possível afirmar que a Sociologia se constitui ainda hoje enquanto um ofício?*

*MARIA APARECIDA:* Ela se constitui enquanto um ofício, mas acho que ela não é tão praticada enquanto ofício pelos sociólogos. Eu acho que a Sociologia ela *precisa* ser ofício. O que seria realmente o significado disso? Se vocês procurarem no dicionário vocês verão que *oficina* é o lugar da transformação. O ofício tem essa marca, de não ser somente uma profissão. O sociólogo não pode se definir enquanto profissional, mas enquanto portador de um ofício, que é o ofício de sociólogo. Então ele tem que agir segundo aqueles preceitos do próprio Mills,<sup>6</sup> que mostrava os fundamentos do que ele chama de *artesanato científico*. Então o que seria esse artesanato científico? Seria uma preocupação com a reflexão teórica, uma preocupação muito grande com a investigação, com a definição dos problemas que afligem as diferentes sociedades. E também uma preocupação muito grande em transmitir esses conhecimentos aos alunos. Seria um artesanato mesmo, constituído na relação entre o mestre e o aprendiz. De fato, era o mestre quem realmente detinha o saber e o conhecimento, mas jamais era portador único daquele conhecimento, sua preocupação era, exatamente, além da produção de um valor de uso, e não de um valor de troca, a transmissão daquele conhecimento aos seus aprendizes, aos seus alunos. Eu acho bastante interessante essa metáfora do *artesanato científico* e também dessa possível comparação com o artesão, na medida em que a Sociologia realmente precisa ser praticada dessa forma, não como mera profissão, não como mero emprego, não como mera atividade, mas algo que vai muito além, que exige uma dedicação muito grande, exige um estudo constante, exige uma dedicação aos alunos, aos orientandos. Não só os orientandos, mas aos discentes de um modo geral, e, sobretudo, uma preocupação com a prática política. Então, a Sociologia não deve ser uma área do conhecimento que vise a mera interpretação da realidade, ela tem que visar a interpretação como conhecimento e também a transformação dessa realidade. Isso exige do sociólogo uma inserção política no universo onde ele atua. Entendendo muito bem que eu não estou considerando essa inserção política como uma inserção político-partidária, para defender esse ou aquele partido, esse ou aquele grupo social, mas uma inserção política num sentido maior, ou seja, uma inserção que vise

<sup>6</sup> MILLS, C. Wright. A imaginação sociológica. Rio de Janeiro, Zahar: 1965.

àquilo que a Ecléa Bosi<sup>7</sup> define como o sentimento de pertencimento à comunidade de destino, do grupo estudado pelo cientista social.

*BEATRIZ: De alguma maneira essa definição da Sociologia como um ofício, como um artesanato, vai de encontro a outras concepções teóricas que você sustenta, como a de experiência, do Thompson, não é?*

*MARIA APARECIDA:* Exatamente. Porque a experiência é aquilo que a pessoa traz, é aquilo que define toda a trajetória de vida, trajetória laboral da pessoa. Levar isso em conta é você ter o respeito a esse conhecimento, a essa experiência e, portanto, a esse sujeito que está diante de você. Não que ele seja – digamos assim – puro, não se trata disso. Vamos imaginar que você está diante de um trabalhador que pratica a violência contra a mulher. Não é só pelo fato de ele ser um trabalhador que você vai partilhar desse comportamento, muito pelo contrário. Não é somente por você defender a classe dos trabalhadores que você vai defender esse tipo de comportamento. Então, eu acho que essa práxis, essa prática política exige a autonomia do sociólogo, do pesquisador. Exige autonomia no sentido de solicitar que ele não seja meramente o porta-voz deste ou daquele grupo, e esse é um grande desafio para nós, sociólogos. Ao nos colocarmos como meros porta-vozes deste ou daquele grupo dificilmente teremos a capacidade de fazermos a auto-crítica.

*FÁBIO: Moraes, no conjunto do seu trabalho de pesquisa nós percebemos um forte veio literário. Qual a razão dessa interpenetração entre a arte e a ciência? Que influências estão presentes nessa forma de apresentação dos resultados da pesquisa?*

*MARIA APARECIDA:* [riso].

*BEATRIZ: Alguma coisa já foi explicada, não é? Você disse que queria ter estudado Letras.*

*MARIA APARECIDA:* Talvez tenha ficado esse desejo escondido, alguma coisa nesse sentido [risos]. Mas a verdade é que eu aprendi muito com esse texto do Wright Mills, “Imaginação Sociológica”, quando ele afirma que uma das marcas da nossa prática deve ser o fato de nos expressarmos, tanto oralmente quanto através da escrita, de uma forma bastante clara. Nada de nos expressarmos por meio de frases rebuscadas, incompreensíveis, muitas vezes fazendo com que os leitores realmente não nos compreendam. Nossa preocupação deve sempre voltar para nossos leitores, aqueles que vão nos ler e como vão realmente acessar o texto. Para isso há uma necessidade também – que eu vejo como uma atitude muito democrática – de estarmos preocupados com essa forma de comunicação e com a linguagem. Agora... essa preocupação com a literatura eu acho que... advém exatamente desse meu desejo antigo; e também do meu encantamento pela literatura. Eu acho que fui bastante marcada pela leitura da obra do Guimarães Rosa. Para mim, o maior sociólogo rural brasileiro é o Guimarães Rosa, para mim é ele quem mais entendeu a alma do sertanejo. Ele é um autor que eu não só leio, mas eu sinto necessidade de relê-lo sempre. E isso acaba realmente influenciando também na minha forma de escrever. Também, com o passar do tempo e, sobretudo, com as leituras advindas da bibliografia de gênero, me convenci que o conhecimento não advém somente da razão, mas também da emoção. Você aprende também com a emoção. E se você escreve de uma maneira que permita que essa emoção encontre espaço, evidentemente, ela irá refletir muito além da razão, ela conseguirá abarcar outras esferas do próprio processo de conhecimento, que não é só cognitivo, mas também emocional. Então... eu não sei, é algo difícil de traduzir para vocês em palavras, mas... eu acho que essa forma mais branda, mais suave de escrever, é talvez uma forma que possa atingir mais as pessoas, pode sacudi-las em determinados momentos, chamar-lhes atenção para determinadas situações, muitas vezes, situações-limite.

<sup>7</sup> BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 484p.

*FÁBIO: Moraes, ainda hoje, no interior da comunidade acadêmica, parece existir certa resistência em se aceitar o uso de depoimentos orais como dados válidos para as análises científicas. Como se chegar a um conhecimento sociológico objetivo tendo em vista essa polarização entre dados objetivos e subjetivos?*

*MARIA APARECIDA: Não vejo sentido nessa polarização entre subjetivo e objetivo, na medida em que, do meu ponto de vista, o real é relacional, portanto o dado quantitativo e o dado qualitativo estão em perfeita articulação, em perfeita relação, sendo que um não exclui o outro. O dado qualitativo tem uma importância muito grande, sobretudo, para nós que lidamos com as populações oprimidas, porque é a oportunidade que oferecemos para que essas populações possam se expressar. É aquilo que Paul Thompson<sup>8</sup> afirma: dar voz para aqueles que, até então, não tiveram voz. Existe um conteúdo político, sem dúvida alguma, relacionado ao método qualitativo, sobretudo da História Oral. Você realmente permite que as pessoas falem, que essas pessoas se expressem acerca de sua vida, de seus sofrimentos, de suas dores, enfim, da própria situação de dominação em que vivem. Por outro lado, quanto à questão da validade do conhecimento, existe uma bibliografia bastante extensa que já aponta para a validade desse conhecimento advindo da História Oral. Sem contar que é uma metodologia, quer dizer, é um caminho para conhecermos uma determinada realidade. Mas é óbvio que esse depoimento colhido fará parte de um conjunto de outros dados, quer sejam quantitativos, teóricos ou dados advindos de outras fontes, como da internet, de jornais, e assim por diante. Nossa preocupação será trazer o maior número de informações sem ter a preocupação de afirmar que essa é mais válida e aquela é menos válida. Também não é correto afirmar que só o dado qualitativo se reporte ao subjetivo, o dado quantitativo também pode se reportar ao subjetivo. Por exemplo, se fizemos uma enquête perguntando, por exemplo, às pessoas acerca, vamos imaginar, da pena de morte. “Você é favorável ou não?” Quando a pessoa diz “sim” ou a pessoa diz “não” ela está dando a sua opinião, depois nós transformamos essa opinião num dado quantitativo e apresentamos: “tantos por cento disseram isso e tantos por cento disseram aquilo”. Então é falsa essa dicotomia entre o objetivo e o subjetivo no sentido de que o subjetivo é depoimento oral e o objetivo é aquele que realmente vai ter a validade porque é constituído de números. Isso também faz parte de uma ideologia. Quando eu dou alguma entrevista para veículos de comunicação, por exemplo, sobretudo aqui no Brasil, os jornalistas vão e perguntam aos representantes dos usineiros, da UNICA, se eles concordam com a minha opinião. Eles falam que não, é claro, que não concordam, que não é isso, que isso não é verdade. O que o jornal vai publicar sobre essa discussão é tão ideológico quanto, é tão subjetivo quanto. Durante um evento, ao apresentar uma projeção de slides, o fiz com dados quantitativos do INSS acerca dos acidentados na cana, em vários Estados do país. Mostrei o número de acidentados, de mortos, de trabalhadores afastados por até 15 dias, afastados por mais de 15 dias... Eu estava apresentando números. Então, alguém da platéia contestou o seguinte, que eu estava levando em conta apenas o setor sucroalcooleiro, que eu não estava levando em conta outros setores econômicos, como, por exemplo, a construção civil, onde, segundo ele, o número de acidentados era muito maior. Aí vocês podem ver que, muitas vezes, o próprio dado quantitativo é contestado a partir de determinados critérios político-ideológicos.*

*BEATRIZ: De alguma forma pode ser manipulado por quem o está apresentando.*

*MARIA APARECIDA: Exatamente. Do meu ponto de vista não é algo que se sustenta, levando-se em conta a metodologia das Ciências Sociais, e, sobretudo, uma metodologia que tenha essa preocupação de utilizar diferentes técnicas de pesquisa. Então, o importante não é só a coleta de depoimentos, mas é também a observação participante, o diário de campo, todas essas outras fontes.*

<sup>8</sup> THOMPSON, P. A voz do passado. São Paulo: Paz e terra, 1992.

*FÁBIO: Moraes, em sua atuação recente como vem se dando o diálogo com outras áreas das Ciências Sociais, como, por exemplo, a Geografia?*

*MARIA APARECIDA:* Isso aí é culpa da Beatriz [gargalhadas]. Ela é a principal culpada, a resposta deveria ser dada por ela, ela é que deveria responder a essa questão. [riso]. Na verdade esse contato com a Geografia já existira antes da Beatriz. Eu já tinha contato com alguns professores da USP de São Paulo – Júlio, Rosa, Ariovaldo, Fany e também com alguns professores da UNESP de Presidente Prudente, com o Bernardo, a Carminha, o Eliseu, Thomaz. Depois, com a entrada da Beatriz na Geografia da UNESP de Presidente Prudente, esse contato acabou se fortalecendo por meio do conhecimento de outros professores, como Raúl e, agora, César Leal. Por meio da Beatriz, aprendi muito, porque ela foi me ensinando o que estava aprendendo lá. Então, a dissertação dela é para mim um aprendizado. Muita coisa eu já sabia, mas muita coisa também não. E isso é bastante interessante, porque o professor não é somente aquele que ensina, ele é também aquele que aprende, e essa relação com a Beatriz foi bastante exemplar nesse sentido. Quer dizer, eu ensinei, mas também aprendi muito com ela, porque ela aprendeu com os professores da Geografia. Por outro lado, eu vejo também que há determinadas preocupações da Geografia que me encantam muito, como, por exemplo, a preocupação com a distinção entre espaço, território e lugar. E, sobretudo com o trabalho da Beatriz, foi possível trabalhar com as trajetórias numa base cartográfica. Isso é o grande mérito dela, e é exatamente nesse ponto que ela conseguiu estabelecer o diálogo mais estreito entre a Sociologia e a Geografia, realmente produzindo a chamada interdisciplinaridade através do ato de fazer. Por outro lado, a utilização do conceito de *território migratório* também configurou um momento de aproximação bastante estreita entre a Geografia e a Sociologia. E a etnografia também. Porque no momento em que se trabalha com os *territórios migratórios* se faz um trabalho bastante próximo da etnografia, que é, então, um outro aspecto bastante importante também nesse diálogo. Então, eu vejo como muito bom todo esse contato com a Geografia, estou aprendendo com eles e considero isso extremamente positivo, extremamente relevante para o conhecimento de modo geral.

*BEATRIZ: E, eu não sei se já havia lhe dito antes, mas eu pude descobrir, entre os geógrafos, o olhar geográfico sobre o seu trabalho “Errantes do Fim do Século”. Vários professores, como o Prof.º Raul, por exemplo, comentou que você faz muita geografia no seu trabalho, por se preocupar, talvez, em como as relações de poder se traduzem no espaço e se reproduzem a partir dele. Você já havia descoberto esse olhar sobre o seu trabalho?*

*MARIA APARECIDA:* Não, não. [riso]

*BEATRIZ: E de onde será que vem esse olhar geográfico?*

*MARIA APARECIDA:* Eu acho que muito de Bourdieu. E de Foucault também. São dois autores que vêem muito o espaço. A preocupação desses autores é realmente em pensar sobre a materialidade desse espaço de poder. Foucault, por exemplo, quando analisa as prisões, os hospitais, está pensando no espaço, está pensando na materialidade do poder naquele espaço<sup>9</sup>. Ele tem, também, uma preocupação com as posições das pessoas nesse espaço, o espaço da mulher que fica na cozinha e o homem na sala... Isso reflete como esses espaços são representativos para se pensar a questão do poder. O próprio Bourdieu tem também essa preocupação. Quando ele analisa a sociedade cabila mostra exatamente isso.<sup>10</sup> A casa tem dois planos: o plano baixo é onde ficam as mulheres, o plano superior é onde ficam os homens; a parte mais iluminada da casa pertence aos homens, a parte mais

<sup>9</sup> FOUCAULT, Michel. O nascimento da clínica. São Paulo: Forense, 1963.

\_\_\_\_\_. Vigiar e punir. Rio de Janeiro: Vozes, 1975.

<sup>10</sup> BOURDIEU, Pierre. Sociologie d’Algérie. Paris: PUF, 1958.

escura pertence às mulheres... Ele faz uma analogia entre o espaço da casa e o próprio corpo, tanto do corpo masculino quanto do corpo feminino. Então, essa minha preocupação com o espaço, característica da geografia, advém também basicamente desses dois autores, tanto de Foucault quanto de Bourdieu.

*FÁBIO: Por fim, chegamos à última questão. Após mais de três décadas de dedicação às atividades de docência e pesquisa em sociologia no Ensino Superior que avaliações você pode fazer da atual situação da Universidade Pública e dos Programas de Pós-Graduação em Sociologia?*

*MARIA APARECIDA:* Bom, do ponto de vista dos Programas de Graduação eu estou afastada há algum tempo, desde que me aposentei, portanto praticamente há 11 anos eu não leciono na Graduação. Mas na pós-graduação eu realmente venho trabalhando todos os anos, ora mais, ora menos, mas tenho tido contato durante todo esse tempo com os cursos de pós-graduação. E tive a oportunidade também de conhecer várias universidades. Conheci a Universidade Federal da Paraíba, em Campina Grande, onde estive por seis meses enquanto professora visitante, dei aulas na PUC em São Paulo, na USP no Programa de Geografia, na UNESP de Presidente Prudente também na Geografia, trabalhei durante três anos na Faculdade de Medicina da UNESP de Botucatu no curso de pós-graduação em Saúde Pública, e também aqui na UFSCar, primeiro nas Ciências Sociais e agora na Sociologia. Outra experiência foi ter participado do Comitê de Avaliação da CAPES dos programas de Ciências Sociais e de Sociologia. Foi uma experiência extremamente importante porque eu pude ter uma noção bastante geral de todos os programas do país, tanto de Sociologia quanto das Ciências Sociais. Bom, o que é que eu posso te dizer em relação a tudo isso? Primeiro eu acho que nós, das Ciências Sociais e da Sociologia em particular, estamos sofrendo todas essas transformações impostas pela CAPES. Os cursos de pós-graduação realmente são obrigados a seguir as orientações da CAPES, e cada vez mais essas orientações alcançam uma generalidade, levam em conta praticamente todas as áreas do conhecimento. Então, hoje existe uma preocupação muito grande com a produtividade científica, a produção de artigos, a média de produção para cada pesquisador e também para os próprios alunos que ingressam no curso de pós-graduação. Além disso, existe uma preocupação no tocante à avaliação dessa produção, à qualidade, Qualys A, Qualys B, Qualys C, Qualys Local, Nacional e Internacional, etc. Isso é uma regra válida para todas as áreas do conhecimento. No entanto, minha preocupação é que exista também uma cobrança não só no sentido da quantidade, mas também da qualidade desta publicação, dessa pesquisa. E, muitas vezes, alguns pontos específicos são deixados de lado, por mais que o próprio Comitê tenha tido essa preocupação. O Comitê da Sociologia no ano passado foi coordenado por Sérgio Adorno e José Ricardo Ramalho, e foi possível perceber uma orientação não no sentido de simplesmente reproduzir as orientações das outras áreas, havia uma preocupação em manter as nossas especificidades, as nossas particularidades. Por exemplo, a nossa produção é muito mais individual do que coletiva, ao contrário das Ciências Exatas e de outras áreas do conhecimento onde a produção é muito mais coletiva. Nós nos preocupamos muito mais com a produção de livros e não de artigos, existe uma preocupação maior em produzir aqui no Brasil, e não uma preocupação de produzir internacionalmente, e assim por diante. Então, o que eu percebi ali foi um esforço muito grande de não simplesmente se submeter, digamos assim, a todas aquelas normas, mas, na medida do possível, de adequá-las, respeitando as nossas particularidades e as nossas especificidades. Agora, é claro que no conjunto dos cursos de pós-graduação, há grandes preocupações, principalmente para aqueles programas com baixa avaliação, com baixo conceito. Quais seriam, portanto, as formas que esses cursos teriam para melhorar a sua classificação? Há diversas preocupações sobre as quais nós temos de nos debruçar. De toda forma eu vejo pontos positivos, como, por exemplo, o número de bolsas aos estudantes, na minha época nós não tínhamos bolsas. E eu vejo que existe uma preocupação no sentido de colocar num patamar superior essa produção científica das Ciências Sociais. É claro que as dificuldades são realmente muito grandes, muitas vezes, os

curso têm muitas dificuldades de se adequarem a essas normas, pois as cobranças realmente são muito grandes. Porque nesse momento, não se vê a nossa área isoladamente, ela é vista em conjunto com as demais, e nós somos avaliados pelos mesmos parâmetros.

*BEATRIZ: E essa marca individual das Ciências Humanas não acaba afetando a qualidade? Coletivamente não se poderia produzir mais e melhor?*

*MARIA APARECIDA:* Essa é uma prática, evidentemente, recorrente nas Ciências Exatas de um modo geral, as chamadas Ciências Duras, e não é nas Ciências Humanas. Mas cada vez mais há um incentivo a isso, como, por exemplo, o incentivo à produção do aluno com o professor.

*BEATRIZ: A Geografia de Presidente Prudente é um bom exemplo desse esforço de produção coletiva, não é?*

*MARIA APARECIDA:* É, eu acho que existem cursos que já se adequaram mais do que outros. De qualquer forma é uma cobrança muito grande de conceitos, de avaliações, que levam até mesmo ao fechamento de cursos. Nós vemos esses resultados, alguns cursos foram fechados. Desse ponto de vista é positivo, na medida em que se traduz em melhoria do conhecimento. Por outro lado, também traz a necessidade de que os cursos possam buscar a adequação, o que muitas vezes não acontece, ainda que haja medidas que a favoreçam. Por exemplo, dentre os projetos aprovados em todos os editais do CNPQ de todas as áreas do conhecimento, 30% são reservados às regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Então, se eles aprovam 100, 30 são destinados a essas regiões. E ainda a CAPES está exigindo que os programas que têm excelência tenham convênios com aqueles que têm uma avaliação inferior, a fim de fazer com que eles possam, realmente, contribuir para a melhoria do nível daquele curso. Essa é a realidade que nós estamos vivenciando, e me parece que, em termos de América Latina, é o melhor sistema de avaliação. Nos outros países da América Latina a preocupação com a qualidade dos cursos de pós-graduação não ocorre da mesma forma que no Brasil.